

Na prática do fazer antropológico aprendi a pedir licença para adentrar no universo e falar sobre a ciência da tradição. Peço licença às Marias, Rosas, Joanas, Joaquinas, Sebastianas, Conceições, Franciscas, Raimundas, Antônias, Expeditas, Alices, Albertinas, Severinas... De muitos bebês, “sou mãe de pegação”, “mãe de umbigo”, “eu sou assistente”, “corto umbigo”, “pego menino”, “lavo menino”; mulheres que na lida da vida são parteiras da tradição.

Morando em lugares de difícil acesso, onde, em épocas de chuva, a lama chega ao “meio da canela”, caminhando longas distâncias, léguas e léguas, possuindo o Dom da dádiva, a fé do “mais do que Deus, ninguém”, muitas dessas mulheres aprenderam o ofício do partejar na “pedagogia da vida”! Bisnetas, netas ou filhas de parteiras, algumas se iniciaram no ofício acompanhando suas mães e avós, ou mesmo às escondidas, ouvindo os “segredos do parto”. Outras ainda, “foi lá na beira do rio minha filha! Ai eu peguei sozinha”, e tem também aquelas que em sonho receberam o chamado, “eu pegando o nenê, por que eu só sonho isso? Agora, aquele sonho foi como uma revelação”. E como tudo tem seu tempo, chegou o dia de alguém bater em suas portas: “Dona fulana! Minha mulher tá apertada pra ter menino...”. Elas a lembrar dos ensinamentos aprendidos e da vivência de seus próprios partos.

De sol a sol na lida cotidiana, cuidando da roça que alimenta a família, atendem ao chamado da mulher que precisa. A desafiar a fome quando na casa em que chegam não se tem o que comer, saem em busca do alimento. Com fé em Deus e em Nossa Senhora, se concentram na reza que aprenderam,

respeitam o tempo da natureza. Mães, mãezinhas, madrinhas, comadres, com mãos que prestam um favor a quem precisa - gratidão que não tem preço, “eu fazendo o bem aqui na Terra, a recompensa Deus é quem vai me dar”.

Mulheres fortes, mães de tantos filhos, biológicos, adotivos e “de umbigo”, a passar dois ou três dias longe de casa - isso nos tempos de antigamente -, partejando, partejando, partejando, “quando chego, faço o exame de toque, boto ela pra caminhar, vou mornar água pra banhar”. A preparar chá de gergelim ou de pimenta do reino para aumentar as contrações, rezam a oração e a colocam no pescoço das mulheres, “quando o menino nasce tenho que tirar, se não é que aumenta a dor”.

Conhecedoras da natureza, preparam uma diversidade de “remédios do mato” – feitura de banhos, chás, lambedores e garrafadas à base de ervas, cascas, plantas e raízes com propriedades medicinais -, atendem à comunidade quando precisa. Rezam crianças e adultos de quebrante, mau-olhado, espinhela caída, com um ramo de mato verde ou mesmo com as próprias mãos. Mãos de parteiras, rezadeiras, benzedeadas, curandeiras que acalantam a ciência dos saberes da tradição.

Sumaia Vieira

Co-autoras: as parteiras tradicionais que participaram desse inventário



Contatos

Instituto Nômades

www.institutonomades.org.br

nomades@institutonomades.org.br · Tel: (81) 3454.2505

Associação das Parteiras Tradicionais e Hospitalares de Jaboatão dos Guararapes

Tel: (81) 3249.6277 · Maria dos Prazeres de Souza (Prazeres)

Associação de Parteiras de Ipojuca

Tel: (81) 3551.1700 – Amarina Maria do Carmo

(81) 9286.3351 Amara Natália Silva da Paz

Associação das Parteiras de Caruaru Agreste

Tel: (81) 9999.2780 · Josefa Alves de Carvalho (Zefinha)

Associação das Parteiras Tradicionais do Município de Trindade

Tel: (87) 3870.2365/9639.4046 – Antônia Rodrigues Torres (Toinha)

Núcleo de parteiras de Igarassu

Tel: (81) 3545.0945 · Josefa Tenório da Silva (Zefinha)

(81) 3545.0329 · Maria José Pimentel da Silva (Maria Parteira)

Núcleo de parteiras de Palmares

Tel: (81) 9677.4837 · Maria Irene de Lima (Irene)

(81) 9427.6157/9947.0820/9294.2763 · Edite Maria da Silva

realização



parceria



Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco

apoio



patrocínio



fomento



Equipe

Coordenadora geral

Sumaia Vieira

Coordenadora de pesquisa

Júlia Morim

Supervisora de pesquisa

Dan Gayoso

Pesquisadoras

Danielle Andrade · Caruaru

Bárbara Luna · Igarassu e Ipojuca

Marina Maria Teixeira · Jaboatão dos Guararapes

Aíla Patrícia Carneiro · Palmares

Maria Joseane Ferreira · Trindade

Jacira França

Fotógrafo

Eduardo Queiroga

Técnico administrativo

George Michael Alves

Voluntárias: Janaiky Pereira e Sonia Sinimbu

Consultora em Antropologia NASEB/UFPE

Profa. Maria Aparecida Lopes Nogueira

Bolsistas PIBIC/UFPE: Alessandra Melo e Alana Figuerôa



Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco





O Projeto

Inspirado pela parteira Maria dos Prazeres de Souza (Prazeres), Presidente da Associação das Parteiras Tradicionais e Hospitalares de Jaboatão dos Guararapes, o Instituto Nômades concebeu o Projeto Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco com o intuito de conhecer a diversidade dos saberes e fazeres das parteiras tradicionais organizadas em associações e núcleos no Estado, contribuindo para sua valorização. Para além do reconhecimento das parteiras como promotoras de saúde materno-infantil, o inventário aborda o ofício da parteira como parte importante do Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Utilizando a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) desenvolvida pelo Iphan, foram localizadas e entrevistadas 165 parteiras residentes nas localidades abarcadas pelas quatro associações e pelos dois núcleos de parteiras existentes no Estado de Pernambuco: Caruaru, Igarassu, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Palmares e Trindade. Além do registro etnográfico, o projeto realizou o registro fotográfico das parteiras e suas práticas.

Localidades	Nº de parteiras entrevistadas (saberes e práticas das parteiras tradicionais)			Nº de parteiras com bens associados (saberes e práticas de reza e cura)
	Parteiras hospitalares	Parteiras da tradição	Total	
Igarassu	06	09	15	0
Jaboatão dos Guararapes	03	38	41	08
Ipojuca	02	20	22	04
Caruaru	08	33	41	01
Palmares	0	21	21	05
Trindade	02	23	25	10
TOTAL	21	144	165	28



As Parteiras da Tradição

Assistente, curiosa, parteira do mato, cachimbeira, fazedora de emergência: são alguns dos termos utilizados pelas parteiras entrevistadas para se referirem à sua prática de “pegar menino”. Essas mulheres, que tiram seu sustento de outras ocupações, comungam da mesma realidade sociocultural das mulheres assistidas e costumam considerar seu ofício de parteira como mais uma de suas atribuições; algo que fazem por solidariedade e para suprir uma necessidade da comunidade onde vivem. A iniciação no ofício se dá pelo acaso, destino divino, ou necessidade, e o aprendizado ocorre na prática e/ou com parteiras mais experientes. A idade de iniciação no ofício é bastante variável, sendo o primeiro parto atendido geralmente em situações acidentais ou de parto iminente. O dom, a curiosidade, a escuta e a observação são fatores que integram o ser parteira: “Ninguém me deu lição nenhuma. É da minha cabeça. É um dom que Deus me deu” (Expedita Carlota, Trindade).

Nesse inventário, foram consideradas tradicionais as parteiras que não possuem nenhum tipo de formação institucional (aprenderam com a experiência e através da oralidade) e aquelas que mesclam práticas hospitalares e da tradição.

“ Tem a criança, uma coisa tão sem pecado, que é como o nascimento de Cristo. Eu já chorei muito. Ser parteira não tem explicação. Que eu não aprendi com ninguém, não fui pra faculdade, não fui pro hospital falar com ninguém. E se tem algum problema, Deus orienta na hora. A gente tem uma orientação que a gente não sabe. Na hora vem aqui na cabeça da gente e a gente faz tudo certo.”

Maria do Carmo dos Santos (Chica), Jaboatão dos Guararapes

O Ofício do Partejar

O ofício das parteiras entrevistadas consiste no acompanhamento da mulher desde a gestação até o pós-parto, apresentando variações (algumas parteiras acompanham as mulheres apenas durante o parto, enquanto outras acompanham a gestação, o parto e o pós-parto). O uso de chás, banhos, massagens, rezas e simpatias perpassam a prática das parteiras.

Durante a gestação, verifica-se o uso de chá e banhos utilizando ervas como erva-cidreira e hortelã miúda para tratar sintomas comuns a essa fase ou preparar para o parto. No trabalho de parto, são frequentes o uso de massagens na barriga para “ajeitar o bebê”; o incentivo à movimentação da parturiente e o uso de bebidas/alimentos com o fim de “esquentar as dores” e ajudar no parto, como café com manteiga, chás e “mingau de cachorro”. As parteiras também costumam utilizar rezas, massagens e simpatias para facilitar a expulsão da placenta. No pós-parto, as práticas tradicionais mais constantes são banhos e chás (para a mulher e para o bebê) para “limpar” e evitar inflamações, e restrições comportamentais e alimentares para a puerpera.

O projeto também identificou, na atuação de algumas parteiras, outros serviços de assistência à saúde prestados à comunidade, como o uso de rezas e a feitura de “remédios de mato” para tratar diversos males, os quais foram denominados “saberes e práticas tradicionais de reza e cura”.



Contexto atual

As práticas das parteiras vêm sendo transformadas a partir do contato com o modelo biomédico de atenção à saúde e da participação dessas mulheres em cursos de capacitação para parteiras tradicionais promovidos pela Secretaria Estadual de Saúde e por ONGs. Algumas das mudanças relatadas pelas entrevistadas são: maior índice de encaminhamento da parturiente para o hospital pelas parteiras; adoção de algumas práticas hospitalares, como uso de luvas durante o parto, do exame de toque no parto e de álcool para limpeza do coto umbilical do bebê.

O ofício do partejar se encontra em situação de fragilidade devido a um conjunto de fatores, como seu modo de transmissão (oralidade), a desvalorização do ofício em uma sociedade que supervaloriza a tecnologia e o conhecimento biomédico, a avançada idade da maioria das parteiras em atuação atualmente, e a preferência da maioria das mulheres pelo parto hospitalar. Conhecendo, registrando e divulgando os saberes e as práticas das parteiras tradicionais, podemos trazer à luz a riqueza desse ofício e as condições em que é exercido, desmistificando-o e colaborando para a implementação de políticas públicas de cultura e saúde que respeitem nossas raízes culturais e as especificidades culturais locais de atenção à gestação e ao parto, e para a promoção de ações de salvaguarda que facilitem o diálogo de saberes entre o conhecimento biomédico e os conhecimentos tradicionais das parteiras.

“ Parteiras; eles querem fazer como fazem com a maré, pegam aquele montão de barro e botam pra cobrir a água, aí estoura lá no outro canto... E assim nunca se acaba não. Porque é uma coisa que vem do princípio do mundo.”

Eulina Ferraz de Albuquerque, Jaboatão dos Guararapes

